

Apresentação

Os signos e os sentidos, as sensações e os sentimentos:
discurso e sensibilidades no pensamento de
Jean-Jacques Courtine

A obra de Jean-Jacques Courtine dispensa apresentações. Com mais forte razão, seria desnecessária uma apresentação de seus trabalhos às leitoras e aos leitores brasileiros. Antes de ser mera figura de estilo e simples frase de efeito, o clichê se torna aqui praticamente incontornável. Não nos ocorre outro modo para começar a tratar da importância, da profundidade e da extensão das publicações de Courtine e ainda do reconhecimento de que elas já gozaram e de que continuam a usufruir na Europa, no Brasil e nas Américas do Sul, Central e do Norte, mas também na África e na Oceania.

Por conhecer de perto boa parte de seus trabalhos, aventamos um fator que pode explicar essa condição tão bem-sucedida de sua obra, que se articula com uma marca indelével de sua própria vida: Courtine é um nômade em vários sentidos do termo. A palavra “nômade” vem do grego *nomos*, significa “gado” ou animais de criação, em geral, e passou ao latim como *nomas*. A essa raiz se acrescentou a forma latina *ados / adis* e dessa junção derivou a forma *nomadis*, que corresponde àqueles que proporcionam a pastagem a seus animais, que os alimentam com os recursos de que a terra dispõe. Daí procede a ideia do deslocamento e da busca por novos pastos.

Assim, também se cria certa correspondência entre o nômade e o pastor, de um lado, e o sedentário e o agricultor, de outro. Em textos antigos, os nômades são frequentemente definidos por via negativa: eles não trabalham, não comem o pão que vem do cultivo de cereais, não moram em casas e não têm cidades, leis e governos. Desse modo, se distanciariam das normas e da normalidade de outros grupos humanos por seus alimentos, por suas moradas transitórias e pela ausência de organização social em seus modos de vida.

Uma ausência de liberdade decorreria dessas suas formas de viver. Para que seus animais possam sobreviver, os nômades precisam de se deslocar à procura de novas pastagens. Por extensão, uma vez que sua vida está naturalmente ligada à nutrição dos animais, seu movimento constante não seria uma escolha, mas, antes, uma imposição e uma limitação. Aristóteles dirá que os pastores formam o mais indolente dos grupos humanos, “dado que a comida, que lhes é fornecida pelos animais domésticos, surge sem qualquer esforço. Mas, quando é necessário que os rebanhos mudem, os humanos têm de acompanhá-los”¹. Além de coagidos e limitados, os nômades seriam ainda solitários e praticamente selvagens. Muitos discursos antigos sustentavam que “a população nômade era a que menos nutriria relações e intercâmbios com outros humanos. Os nômades viveriam na solidão”². Numa certa mitologia, Cícero também reduz a vida nômade a um universo primitivo e bestial: “Houve um tempo em que os humanos erravam pelo mundo como animais selvagens”³.

Essa carga semântica negativa ainda está bastante bem preservada em acepções contemporâneas. No dicionário Houaiss, o termo “nômade” é assim definido: “(1) que ou que não tem

1. ARISTÓTELES. *Política*. Lisboa: Vega, 1998, livro I, cap. VIII, 1256a.

2. WOLFF, É. Espaces du sauvage et nomades. *Les espaces du sauvage dans le monde antique*. Besançon: L'Institut des Sciences et Techniques de l'Antiquité, 2004, p. 21-28.

3. CICERO. *De l'invention*. Paris: Les Belles Lettres, 1994, livro I, cap. II, 2.

habitação fixa, que vive permanentemente mudando de lugar, geralmente em busca de novas pastagens para o gado, quando se esgota aquela em que estava (diz-se de indivíduo, povo, tribo etc.) [Os nômades não se dedicam à agricultura e frequentemente não respeitam fronteiras nacionais na busca por melhores pastagens.] (2) por extensão, que ou aquele que não tem casa ou não se fixa muito tempo num lugar; vagabundo, vagamundo, errante”⁴. Tal conservação de sentidos não impediu que reflexões e análises modernas promovessem ajustes nas definições antigas ou não atualizadas e lhes acrescentassem importantes nuances.

Já nos tempos antigos, não havia somente uma rígida separação entre pastores nômades e agricultores sedentários. Existiam, antes, trocas econômicas, sociais e culturais entre ambos e ainda não poucos estados intermediários e modos mistos de vida. Mas, ainda mais importante do que esses ajustes e nuances é a indicação de que as propriedades negativas atribuídas aos nômades, tais como seu primitivismo e sua vagabundagem, consistiam menos em informações factuais a seu respeito e mais em certo mal-estar sedentário diante do gosto alheio pela aventura e de seu desfrute, em detrimento da segurança das tradições e costumes bem conservados, e diante do desejo alheio de liberdade e de seu gozo, em detrimento da garantia das crenças e rotinas bem estabelecidas.

Courtine nasceu e viveu toda sua infância na Argélia, quando esta ainda era uma colônia francesa. Os Courtine já estavam ali no norte da África há cinco gerações, desde a proclamação do Império de Napoleão III e a recusa do ancestral da Família Courtine de servir a esse império em razão de suas convicções políticas republicanas. Cerca de um século depois desse desterro, ocorreria a volta da família à França. Jean-Jacques Courtine tinha 11 anos de idade e foi marcado por esse deslocamento. Na França, ele se sentiu bastante deslocado durante um bom tempo até sua progressiva

4. *Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 2.024.

adaptação à cultura da metrópole. Sua vida escolar evoluiria e seria concluída com certa latência dessa sensação de estranhamento diante de alguns hábitos e modos de vida franceses. Em seguida, viriam os primeiros passos de sua formação intelectual.

Depois de uma graduação em Matemáticas aplicadas e outra em Sociologia na Universidade de Grenoble II e de um mestrado em Linguística e outro em Língua inglesa na Universidade de Grenoble III, Courtine vai se deslocar frequentemente entre as cidades de Grenoble e Paris, desde o início da década de 1970. Na primeira, ele inicia sua carreira como professor nessas duas universidades e ainda ministra alguns cursos na Escola Normal Superior de Grenoble. Já em Paris, se dá sua formação direta e indireta com grandes mestres do estruturalismo e do pós-estruturalismo francês: Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser, Émile Benveniste, Jacques Lacan, Antoine Culioli, Michel Foucault, Roland Barthes, Pierre Bourdieu, entre outros. Ainda em meados dos anos de 1970, Courtine passa a integrar o grupo liderado por Michel Pêcheux, o principal precursor da Análise do discurso (AD) francesa. Ao final dessa mesma década, ele elabora e redige sua tese de doutorado em Análise do discurso, cuja defesa ocorre em março de 1980.

Esse encontro com Pêcheux foi decisivo na vida de Courtine e seria também o início de uma série extensa e diversa de publicações que vão compor uma obra incontornável para os analistas do discurso e, mais tarde, para estudantes, pesquisadoras e pesquisadores, professoras e professores de várias áreas das Ciências humanas. Por sua importância, profundidade e notoriedade, esta obra dispensa apresentações, conforme dissemos. Com o objetivo de somente ilustrar a relevância, a densidade e a repercussão de seus trabalhos, mencionaremos apenas parte dos efeitos e reverberações suscitados por sua tese e indicaremos alguns títulos que compõem a obra de Courtine. A tese *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en Analyse du Discours, à propos du*

discours communiste adressé aux chrétiens foi defendida na Universidade de Nanterre/Paris X e aprovada unanimemente com distinção e louvor pela banca de avaliadores.

O reconhecimento da qualidade excepcional daquele trabalho acadêmico foi imediato. A tese de Courtine foi publicada com o título *Analyse du discours politique*⁵ no mais prestigiado periódico científico de Linguística da França, e um dos mais reconhecidos em todo o mundo, a revista *Langages*, cuja edição de n. 62, de junho de 1981, lhe foi inteiramente consagrada. Isso nunca havia ocorrido e jamais voltaria a ocorrer na história da *Langages*. Antes, durante e depois da defesa da tese, os eminentes linguistas Jean Dubois e Michel Arrivé, entre outros, deram suas bênçãos a Courtine e lhe ofereceram muitas oportunidades. Além dessas conquistas e dessa prerrogativa editorial, quando da publicação da tese, o próprio Pêcheux a prefaciou e lhe reconheceu a consistência e a originalidade, que indicavam novos rumos para a Análise do discurso. Por essas e outras razões, a tese de Courtine alcançou sem demora a condição de um clássico em AD. As milhares de citações e de referências à *Análise do discurso político*, que não param de aumentar ainda em nossos dias, mesmo depois de mais de quarenta anos de sua publicação, indicam que essa obra não perdeu e provavelmente não perderá esse estatuto.

Com todo esse reconhecimento da parte das mais proeminentes figuras da Análise do discurso, com toda essa recepção calorosa da comunidade dos analistas do discurso, de modo geral, e ainda com a experiência de mais de uma década como professor universitário em Grenoble, Courtine poderia sem dificuldade alguma se fixar em Paris, ingressar como professor numa de suas prestigiadas instituições e se

5. COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009. Quando da publicação desta tradução brasileira de sua tese, introduzimos um texto de apresentação que trata de importantes contribuições de sua obra à Análise do discurso e a outros campos das Ciências humanas.

alçar ao posto de sucessor de Pêcheux como grande mestre da AD. Essa não foi a sua opção. Sua tendência ao nomadismo o conduziria aos Estados Unidos. Lá, entre meados da década de 1980 e o início dos anos de 2000, ele foi inicialmente *Full Professor of French Linguistics & Cultural Studies* na Universidade do Sul da Califórnia e, em seguida, *Full Professor of French & Cultural Studies*. A despeito do equilíbrio sugerido pelo “&” no título desse seu posto profissional, Courtine já era bem menos um professor de Linguística francesa do que um pensador dos Estudos culturais. De linguista, ele já havia passado a analista do discurso. Mas, àquela altura, já estava deixando esta última condição em estado puro para assumir a de antropólogo cultural. Deslocamentos de um continente a outro e de um a outros campos do conhecimento. Foi na categoria de professor de Antropologia cultural que Courtine retornou à França para trabalhar na Universidade Sorbonne Nouvelle. Anos mais tarde, ele se tornaria professor emérito, tanto da Universidade da Califórnia quanto da Sorbonne Nouvelle.

Depois do sucesso de sua tese, Courtine consolidou a importância, a profundidade, a diversidade e o reconhecimento de sua obra, com a publicação de vários outros títulos. De sua vasta produção, destacamos aqui somente alguns livros dos quais ele é autor e/ou organizador:

- *Materialidades discursivas* (PUL, 1981; Editora da Unicamp, 2016).
- *História do rosto* (Payot, 1988; Vozes, 2016).
- *História do corpo* (Seuil, 2005; Vozes, 2006).
- *História da virilidade* (Seuil, 2011; Vozes, 2013).
- *Decifrar o corpo* (Jêrome Millon, 2012; Vozes, 2013).
- *História da fala pública* (Vozes, 2016).
- *História das emoções* (Seuil, 2016; Vozes, 2020).

Além desses títulos, Courtine organizou e apresentou várias edições de revistas especializadas, como dois números da *Langages*, entre outras, e de obras, como *A arte de se calar e*

*História dos monstros*⁶, entre outras; e publicou artigos científicos em muitos periódicos científicos de renome internacional, como nas revistas *Communications*, *Esprit* e *Cahiers de médiologie*, e capítulos em livros que também gozam de grande reconhecimento mundial, como o *História do pensamento francês do século XX* e o *História das ideias linguísticas*⁷. A maioria dessas publicações foi traduzida em vários países não somente da Europa, da América e da África, mas também da Ásia e da Oceania. *História do rosto* e *História da virilidade* receberam respectivamente o prêmio *Psyché*, da Associação Francesa de Psiquiatria, em 1989, e o *Grande Prêmio* da Academia Francesa, em 2012. Para tais êxitos editoriais, o encontro com Claudine Haroche, que se deu ainda quando ambos participavam do grupo de Pêcheux, foi fundamental. A amizade, a interlocução e a coautoria com Haroche são presenças marcantes em parte significativas da obra de Courtine.

Esses êxitos editoriais, mas também outros científicos e acadêmicos, permitiram-lhe novos deslocamentos ao sabor de seu nomadismo. Entre 2012 e 2017, Courtine foi professor catedrático de Estudos europeus da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia, da qual se tornou professor-honorário desde 2018. Na Queen Mary Universidade de Londres, ele foi professor-visitante de História das emoções, entre 2018 e 2019. Todas essas mudanças territoriais e institucionais lhe deram ocasião para outros encontros decisivos em sua vida.

Entre 1978 e 1984, o célebre historiador francês Michel de Certeau tinha sido professor na Universidade da Califórnia.

6. ABADE DINOUART. *L'Art de se taire*. Grenoble: J. Millon, 1987 [trad. bras.: *A arte de se calar*. São Paulo: Martins Fontes, 2001]. • MARTIN, E. *Histoire des monstres depuis l'Antiquité jusqu'à nos jours*. Grenoble: J. Millon, 2002.

7. COURTINE, J.-J. The Body in Contemporary French Thought. In: KRITZMAN, L. (org.). *History of XXth Century French Thought*. Nova York: Columbia University Press, 1997, p. 164-178. • COURTINE, J.-J. La question de la glossolalie. In: AUROUX, S. (org.). *Histoire des idées linguistiques*. Vol. 3. Bruxelas: Pierre Mardaga, 2000, p. 397-408.

Ao final daquele último ano, ele voltaria à França para assumir o posto de professor e orientador de pesquisas na prestigiada Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (Ehess/Paris). Nessa época, Courtine frequentava universidades dos Estados Unidos como professor-visitante, antes que ele se mudasse para lá e se tornasse professor efetivo da Universidade da Califórnia. Para isso, o encontro com De Certeau foi fundamental, porque ele o aconselhou a fazê-lo e lhe abriu importantes portas institucionais. Essas contingências da vida, o gosto comum de ambos pela articulação entre História e Psicanálise e ainda outras afinidades concorreram para que se firmasse entre eles uma sólida amizade. Alguns anos mais tarde, Courtine se identificaria cada vez com a condição de historiador desse seu amigo, que frequentemente lhe dizia: “Penser, c’est passer!”

Também os encontros com Georges Vigarello e Alain Corbin foram marcantes na nômade trajetória de Courtine. Conforme veremos nas páginas deste *Corpo e discurso*, seu interesse pelo discurso político e por suas metamorfoses o conduziu a temas e fenômenos correlatos, tais como as reflexões de George Orwell sobre a novlíngua. Na edição de n. 94 da renomada revista literária *L’Arc* dedicada ao escritor inglês, Courtine publicou o artigo “George Orwell e a questão da língua”⁸. Ainda naquele ano, novos editores assumiram a direção da revista e o convidaram não apenas para fazer parte de seu comitê editorial, mas também para participar de sua renovação, indicando outros nomes para compô-lo. Courtine, então, pediu indicações desses nomes para fazer parte do novo comitê da *L’Arc* a seus colegas da Universidade de Grenoble II. Alguns deles lhe indicaram Georges Vigarello, cujos trabalhos sobre temas relativos à história do corpo já começavam a lhe render importante reconhecimento acadêmico. O convite foi feito, Vigarello o aceitou, a relação entre ambos se estabeleceu sem demora e as afinidades intelectuais que existiam

8. COURTINE, J.-J. George Orwell et la question de la langue. *L’Arc*, n. 94, 1984, p. 54-60.

entre eles também não tardaram a aparecer. Menos de três anos depois, já seria publicado o artigo “A fisionomia do homem impudico” na prestigiada revista *Communications*⁹, cuja autoria era compartilhada entre Courtine e Vigarello. Desde então, essa parceria se estreitou ainda mais e rendeu muitos e valiosos frutos.

Alain Corbin nasceu e viveu num vilarejo da Normandia até o começo de sua juventude, quando se muda para a cidade de Caen, com o objetivo de iniciar sua formação como historiador. As defesas de suas teses de doutorado e de estado aconteceram respectivamente nas Universidades de Poitiers, em 1968, e Clermont-Ferrand, em 1973. Sua sólida formação e a qualidade desses seus trabalhos acadêmicos e de suas primeiras publicações já eram bastante reconhecidas naquele período, mas a condição de grande nome da historiografia francesa e de precursor da História das sensibilidades ocorreria no início da década de 1980, com a publicação de *Le miasme et la jonquille*¹⁰. Corbin foi professor na Universidade de Limoges e, depois, na Universidade de Tours. O reconhecimento de seu talento singular lhe abriria ainda e em breve as portas da Sorbonne. Ele se torna professor da Universidade de Paris I/Sorbonne Panteão a partir de 1987. No ano seguinte, conforme vimos, ocorre a publicação de *História do rosto*. A considerável repercussão positiva do livro de Courtine e Haroche fez com que Corbin convidasse seus autores para proferir uma conferência em seu seminário de História moderna na Sorbonne. Assim, se promoveu o encontro entre Courtine e Corbin. As relações entre ambos também se estreitariam desde então e dariam frutos igualmente valiosos em meados da primeira década do século XXI.

9. COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. La physionomie de l'homme impudique. *Communications*, 46, 1987, p. 79-91.

10. CORBIN, A. *Le miasme et la jonquille: l'odorat et l'imaginaire social (XVIIIème et XIXème siècles)*. Paris: Aubier, 1982 [trad. bras.: *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987].

De volta à França no início de 2003, agora como professor da Universidade Sorbonne Nouvelle, Courtine propõe a Vigarello, então professor da Universidade de Paris V e da Ehes/Paris, a organização de uma grande obra de síntese histórica de importantes estudos sobre o corpo. Eles já tinham publicações em coautoria e Vigarello já havia publicado vários títulos sobre o tema¹¹. A proposta de Courtine foi aceita por seu colega e, em seguida, ambos a estenderam a Alain Corbin. Também foi positiva a resposta deste último e, assim, se iniciou uma colaboração que rendeu a publicação de três obras monumentais, às quais já nos referimos aqui: *História do corpo*, *História da virilidade* e *História das emoções*. Cada uma dessas três obras monumentais foi publicada em três grandes e belos volumes compostos por capítulos cuja redação ficou a cargo de renomados especialistas em fenômenos, temas e contextos históricos diversos. Elas já foram traduzidas em várias línguas, estão presentes em cinco continentes e já receberam diversos prêmios. Em boa medida, esse sucesso editorial pressupõe os sucessos acadêmicos e científicos desses três autores e deriva da qualidade dessas obras, mas também do nomadismo e da inquietação do pensamento de Courtine.

“Pensar é passar”. O nômade preza a passagem, mas não está sempre e necessariamente num incessante e agitado movimento. Em seu trajeto, há pausas, respiros e reflexão sobre o próprio percurso. Assim, ele pensa sobre o passado, se situa em seu presente e mais bem planeja os passos futuros. **Corpo e discurso** é um privilegiado instantâneo de um desses momentos de repouso e de ponderação sobre o caminho percorrido, sobre o estado em que se encontra o trabalho e sobre a direção a seguir no avanço do pensamento. Nessa sua autor-reflexão, como fazem os verdadeiros mestres, Courtine nos

11. VIGARELLO, G. *Le Corps redressé*. Paris: Delarge, 1978. • VIGARELLO, G. *Le Propre et le sale: L'hygiène du corps depuis le Moyen Âge*. Paris: Seuil, 1987. • VIGARELLO, G. *Histoire du viol: XVIème-XXème siècles*. Paris: Seuil, 1998. • VIGARELLO, G. *Passion sport: Histoire d'une culture*. Paris: Textuel, 1999.

dá grandes e valiosas lições. Elas não apenas nos transmitem muitos conhecimentos, mas também nos ensinam a pensar, a refletir sobre o próprio pensamento e a estimulá-lo a adotar cada vez mais a via da originalidade e do compromisso entre a excelência intelectual e a responsabilidade política. Essas lições estão onipresentes em cada um dos capítulos deste livro.

O primeiro deles, **Uma genealogia da Análise do discurso**, consiste numa versão inédita da história da AD. Em outras, empreendidas pelo próprio Pêcheux ou por outros integrantes de seu grupo, podemos identificar um foco que contempla as dimensões teóricas e epistemológicas desse campo do conhecimento e que as considera a partir de uma curta duração histórica e de uma epistemologia da ruptura¹². Elas traçam, portanto, uma história “interna” do conhecimento. Por sua vez, nessa sua versão, Courtine aponta as limitações dessa história da Análise do discurso, tal como ela é relatada por seus próprios protagonistas, sem um devido distanciamento em seus relatos e com a produção de efeitos derivados de interesses acadêmicos e institucionais. Além disso, indica e demonstra a pertinência e a produtividade de outra forma de contar essa história, recorrendo a outros horizontes de retrospectção e a outros pontos de vista e analisando fatores e fenômenos políticos, sociais e culturais, aparentemente extrínsecos à produção dos conhecimentos científicos, mas que lhes são efetivamente constitutivos.

Já em **Desconstrução de uma língua de madeira**, Courtine recapitula os resultados de suas análises dedicadas ao discurso político, identifica os problemas e limites de seus pró-

12. É o que ocorre nestes textos e em outros tantos que os glosaram: PÊCHEUX, M. A Análise do discurso: três épocas. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1997, p. 313. • MALDIDIER, D. A inquietude do discurso – Um trajeto na história da Análise do discurso. *Legados de Michel Pêcheux*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 39-62. Além dos trabalhos de Courtine, outras exceções a essa abordagem “interna” da história da AD podem ser lidas em *Saussure, o texto e o discurso* (Parábola, 2016).

prios e de trabalhos alheios, propõe-lhes soluções e avanços e ainda reflete sobre as propriedades e os equívocos das práticas de linguagem de políticos e militantes do campo progressista, de modo geral, e do Partido comunista francês, em particular. Entre outras de suas contribuições para a Análise do discurso, constam ali as seguintes: a concepção das noções de “memória discursiva” e de “enunciado dividido”, a reconfiguração da noção de “condições de produção”, a reapropriação dos trabalhos de Michel Foucault sobre a ordem do discurso e os usos inovadores do arsenal informático de que parte da AD então se valia. Munido desses e de outros recursos, Courtine mostra que a emergência e os primeiros desenvolvimentos da Análise do discurso podem ser concebidos como negação teórica de uma significativa transformação nas mentalidades e nos comportamentos entre as décadas de 1960 e 1980. Mostra igualmente que a língua de madeira do PCF, com suas falas herméticas, monológicas e burocráticas, foi se desconstruindo e perdendo cada vez mais espaço para a língua de vento da publicidade, com suas falas leves, supostamente interativas e muito sedutoras. Durante um bom tempo, comunistas e socialistas pareciam ter perdido o bonde da história: continuavam a falar à moda antiga para uma classe operária que já não mais existia como eles supunham e a não escutar devidamente o que oprimidos e explorados tinham a lhes dizer.

Por seu turno, **O espetáculo político das massas** corresponde a uma densa história das formas de comunicação política. A passagem do tempo dos monólogos à era dos diálogos, bem como a mudança de antigos pronunciamentos políticos, marcados por longas séries argumentativas, por prolixas recapitulações e por falas, gestos e vozes veementes, para recentes conversas políticas breves, leves e dialógicas sobre a vida privada, é fenômeno complexo, que tem precedentes históricos e que não se reduz à transmissão do discurso político pela tevê. Courtine constrói aqui uma arqueologia do espetáculo político, com vistas a destacar tanto a historicidade de

um processo, em detrimento de uma concepção imediatista das práticas de linguagem política de nossos tempos, quanto as singularidades dos fatos e acontecimentos contemporâneos. Para tanto, remonta à formação dos príncipes para o exercício do poder no final da Idade Média e no início do Renascimento, mas seu exame se concentra, sobretudo, nas diferenças entre as falas públicas nas sociedades de massa do último quarto do século XIX e das primeiras décadas do XX, e aquelas posteriores à Segunda Guerra Mundial, principalmente, depois dos anos de 1960 nos Estados Unidos e da década de 1970 na Europa. A democracia neoliberal, as tiranias da intimidade, a aceleração dos ritmos de vida e a televisão pacificam o corpo dos políticos, reduzem e simplificam suas falas e suavizam sua voz. Desse modo, se decretou o fim da eloquência à moda antiga e se estabeleceu definitivamente a época das conversas e dos rumores.

Finalmente, o último capítulo, também intitulado **Corpo e discurso**, é ao mesmo tempo um porto de chegada e de partida. Depois de ter empreendido uma inovadora história da Análise do discurso, de lhe ter aportado contribuições inestimáveis, de ter executado análises minuciosas do esgotamento da língua de madeira do Partido comunista francês e da instalação da língua de vento da publicidade de mercado no campo político e de ter realizado uma refinada arqueologia das formas espetaculares da comunicação política, no interior da qual as relações entre *corpo e discurso* se mostraram fundamentais, Courtine faz um balanço do modo como tais relações foram concebidas em seus recentes trabalhos dedicados à história das práticas de linguagem, particularmente das expressões, contensões e emoções do rosto, das conversações e dos silêncios e ainda das glossolalias, assinala caminhos promissores para os analistas do discurso e traça a rota pela qual seguirão suas próximas publicações.

Eis aqui o privilegiado instantâneo que apreende o percurso, a passagem e o projeto. Sua história das práticas de linguagem trata de objetos compostos e transicionais e abre

espaço para novas investidas: o rosto e suas expressões são materialização da linguagem no corpo. De modo análogo, as manifestações da glossolalia são o corpo e a voz projetados na linguagem. A abordagem e a compreensão do corpo, da voz e de suas relações com a linguagem ocorrem num momento de colapso do estruturalismo linguístico mais estrito. Um fio condutor atravessa esses movimentos apreendidos: a compreensão das propriedades e das transformações das práticas de linguagem exige imersões na história para constatar suas constâncias, singularidades e variações. No início destas suas considerações finais, Courtine indica a abertura da AD à História das sensibilidades com estes termos:

Foi com o objetivo de compreender as recentes mutações das discursividades políticas que paulatinamente se nos impôs a ideia de examinar a relação entre corpo e discurso nas formas da fala pública. Esse projeto estava inicialmente circunscrito à era contemporânea e à esfera política. Mas, ele se transformou, pela própria historicidade dos objetos com os quais nos confrontamos, numa investigação sobre as práticas e representações do rosto e da expressão a partir do século XVI. Eis aí um longo desvio, uma digressão imprevista e um feliz “acidente” da pesquisa, que deu origem a um conjunto de trabalhos nos campos da Antropologia cultural, da Semiologia histórica e, mais tarde, da História das sensibilidades.

Não há corpo fora da história e da linguagem. Entre o corpo e o discurso, as relações são diversas e constitutivas. A discursividade não só incide sobre as ações, os comportamentos e os sentidos do corpo, mas também chega até elementos de sua anatomia e de sua fisiologia. Em contrapartida, não há discurso sem corpo. Das substâncias e das formas históricas e orgânicas brota a matéria de toda fala. Além disso, essa matéria da fala e o trânsito de nossos enunciados estão eivados de marcas dos nossos corpos. Mas, é necessário acrescentar: o corpo não se reduz ao discurso. Por um lado, o fato

de o corpo ser condição de possibilidade material e subjetiva do dizer indica a existência de espaços corporais aquém do discurso. Por outro, todos os discursos sobre o corpo e suas tentativas de enredá-lo não preenchem seus vazios e seus excessos, que projetam um espaço além do discurso. A partir desses avanços do pensamento de Courtine sobre os laços entre *corpo e discurso*, podemos ainda pensar nestes outros aspectos dessa relação fundamental: todo ser humano é um corpo falante e esse corpo é um lugar de fala por excelência.

A presença de um nosso semelhante é pulsão, promessa, projeto e *performance* da palavra. Tudo isso se torna ainda mais latente, forte e manifesto com a emissão da voz humana e com a atualização dos atos de fala. Linguistas e filósofos nos ensinam que a voz humana, mesmo quando ainda não articulada sob a forma da fala, já não é mais mero ruído da natureza nem mais rumor bestial. Sua projeção é imediatamente o sinal de um corpo falante, de um ser que pensa, sente e tem algo a dizer¹³. A emissão vocal humana consiste no signo ontológico e histórico de um ser semelhante, de um outro como o eu, porque esse outro não é somente um corpo, mas, um ser humano, cuja voz indica seu querer, seu saber e seu poder dizer algo. Esse outro como um outro eu é ao mesmo tempo um corpo e um espírito, é matéria e linguagem constitutivas de uma mesma entidade. Isso, por sua vez, compromete a divisão metafísica entre natureza e cultura, entre a aparência e a materialidade carnal, de um lado, e a essência e a intangibilidade anímica, de outro.

Sabemos que essa divisão é fundamental para a possibilidade de reduzir o outro humano a elemento da natureza, a pedaço da carne mais barata do mercado ou, ao menos, a ser inscrito em posição inferior de uma hierarquia em cujo

13. Entre outros que trataram dessas questões, cf.: AGAMBEN, G. *A linguagem e a morte*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. • BENVENISTE, E. *O aparelho formal da enunciação. Problemas de linguística geral*. Vol. II. Campinas: Unicamp, 1989. • ROUSSEAU, J.-J. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Campinas: Unicamp, 2008.

topo se situam aqueles que falam com o refinamento de suas almas e espíritos e através de seus corpos brancos, burgueses e bem-nutridos. Disso deriva a obsessão dos poderes opressores pela depreciação e pela interdição dos corpos e dos atos de fala de oprimidos, explorados, perseguidos e marginalizados. Todos os corpos são constituídos por marcas de raça e de classe, de sexo e de gênero, de tempo e de espaço. Com base nessas marcas, os privilégios de uns poucos e o abandono de milhões foram instaurados e continuam a ser reproduzidos. Apesar de muitas e profundas transformações históricas e sociais e das importantes, mas, ainda insuficientes, conquistas igualitárias, obtidas a duríssimas penas, essas marcas persistem a reatualizar o abismo que separa eleitos e rebaixados. Detratar o corpo, a voz e a fala destes últimos é passo crucial no propósito de não lhes reconhecer devida e integralmente sua própria condição humana.

Já foi dito e muito repetido que somos anões em ombros de gigantes. As reflexões de Courtine sobre as relações entre *corpo e discurso* e sobre a história da expressão e da contenção do rosto, das deformidades corporais, das crises e metamorfoses da virilidade e da onipresença moderna e contemporânea das emoções são apoio e impulso fundamentais para que possamos continuar avançando no exame e na compreensão das práticas de linguagem e de seus papéis decisivos no estabelecimento dos consensos e dos conflitos de nossas sociedades. Conforme já reiteramos, entre outros deslocamentos, a passagem por esses distintos objetos e por variados campos do conhecimento faz de Courtine um nômade. Mas, é preciso acrescentar o seguinte: ele não é só um nômade, mas um nômade reflexivo e também um mestre generoso. Ao refletir sobre seu trajeto aqui nestas páginas de *Corpo e discurso*, ele se diz um “andarilho”, que interrompe a marcha por um instante, volta seu olhar sobre o percurso, observa as marcas de seu caminho e se pergunta “Como eu cheguei até aqui?” Esses gestos de autorreflexão lhe dão ensejo para que ele nos guie gentil e generosamente por uma via cheia de ensinamentos

sobre teoria, método e epistemologia em Ciências humanas e por uma estrada igualmente repleta de estímulos ao pensamento livre, original e comprometido com a qualidade científica, com a responsabilidade social, com a abertura de espírito e com a ampliação de horizontes.

As fecundas lições que encontramos aqui nos oferecem fundamentos e meios para mais bem conceber e compreender fenômenos destes nossos tempos. Ontem, em consonância com os padrões e funcionamentos do neoliberalismo, do individualismo e da efemeridade, a tevê modificou profundamente as práticas de fala pública, suas representações e suas sensibilidades. Hoje, o recrudescimento exponencial desses processos e fatores encontra na emergência e na consolidação das redes sociais, em sua onipresença nas várias esferas de nossa vida e nas formas profundamente deletérias e muito eficazes como grupos e sujeitos reacionários, extremistas e violentos as empregam um aliado poderosíssimo na disseminação de discriminações, intolerâncias e ódios à diversidade das formas de vida e às fragilidades dos que foram e continuam a ser discriminados e excluídos.

Essas lições de Courtine nos permitiram elaborar uma reflexão mais densa sobre a longa história de discriminações sofridas pela fala pública popular e pela escuta popular da fala pública e sobre a linguagem das estratégias eleitorais e políticas da extrema-direita que ascendeu recentemente à presidência da República no Brasil¹⁴. Em relação a esta última, indicamos que se trata de uma linguagem populista com indelével traços fascistas. Isso porque consiste em linguagem humana que pretende calar a linguagem humana, rebaixar a condição humana e eliminar a vida humana de todas aquelas e de todos aqueles que pensam, agem e falam diferentemente das “pessoas de bem”. Populistas com propriedades e pul-

14. Cf., respectivamente: PIOVEZANI, C. *A voz do povo: uma longa história de discriminações*. Petrópolis: Vozes, 2020. • PIOVEZANI, C.; GENTILE, E. *A linguagem fascista*. São Paulo: Hedra, 2020.

sões fascistas falam para calar a crítica que lhes é dirigida e para atacar e, até mesmo, eliminar a diversidade das formas de vida numa sociedade. Sua marca mais característica é a violência tanto nas coisas que diz quanto em seus modos de dizê-las.

Seu Narciso não só acha feio o que não é espelho, mas também o detrata, o humilha, o ataca e o persegue, prega sua eliminação e participa direta ou indiretamente das violências e mortes que lhe são infligidas. Assim, o outro nunca é reconhecido como um outro eu e é sempre transformado em inimigo. Sua fala é fálca, porque se trata de palavra de ordem, de repetição sem abertura à diferença e ao diálogo, de vontade de poder absoluto e de comando que se pretende executado sem reflexão. Essa fala fascina uma massa de adeptos e de militantes apaixonados, e ainda não poucos ressentidos e rebaixados, com as promessas de liberdade, entendida como liberação sem limites. A liberdade econômica se torna liberação total de exploração, que pode incluir até o trabalho análogo à escravidão; a liberdade de expressão se torna liberação total para detrair, humilhar e atacar vulneráveis; e a liberdade de governo se torna liberação total para destruir o Estado, para reduzir a sociedade a um brutal estado de natureza. A eficácia desse arsenal aumenta bastante com a compra e o uso de dados dos *Big data* e com os disparos via redes sociais de mensagens, que em sua ampla maioria são mentiras mal contrafeitas, a destinatários bem definidos e segmentados. Além disso, o potencial persuasivo desses disparos se incrementa com o emprego de uma espécie de *politropia hi-tech*¹⁵.

15. Desenvolvemos essa ideia em *A linguagem fascista*. Op. cit. Nós a concebemos a partir deste princípio: certa tradição de sofistas e retores antigos postulava que os discursos mais persuasivos são aqueles especificamente dirigidos a públicos mais ou menos exclusivos. “Há os válidos para os jovens, os para as mulheres, os para os arcontes, os para os efebos. Essa característica vem aí definida como *polytropia* ou faculdade de encontrar os diversos modos de expressão convenientes a cada um” (PLEBE, A. *Breve história da retórica antiga*.

Essas e outras de nossas reflexões sobre as práticas de linguagem, sobre suas propriedades e suas transformações tiveram e continuam a ter no pensamento de Courtine fundamento e inspiração. Nosso encontro com sua obra e nosso privilégio de tê-lo como mentor e interlocutor há quase duas décadas foram um divisor de águas em nossa formação e prosseguem marcando os passos de nossa trajetória acadêmica e pessoal. Como nômade reflexivo e mestre generoso, em reiteradas circunstâncias dessa interlocução, de modo análogo ao que lhe fazia Michel de Certeau, ele nos disse: “Penser, c’est passer, Carlos!” Acrescentando, em seguida: “Mais, c’est aussi laisser des traces...” Pensar é passar, mas é também deixar suas marcas pelo caminho e, principalmente, nas pessoas que encontramos ao longo de nossas jornadas.

Numa daquelas passagens dedicadas à descrição dos nômades em sua *Política*, Aristóteles adiciona certa nuance aos discursos antigos, cujos preconceitos ele próprio subscrevia e fomentava: seus modos de vida consistiriam no cultivo de uma “lavoura viva”. Como nômade reflexivo e mestre generoso, Courtine cativa, cultiva e cultua todas aquelas e todos aqueles que já tiveram a oportunidade de travar contato com sua obra, de ouvi-lo e de lhe dirigir a palavra. Uma antiga parábola dos evangelhos diz que a fala do amor, do bem e da justiça é semente. Quando lançada, ela pode cair em terra boa e frutificar, mas pode também acabar em pedras e nos espinhos, fazendo com que essa palavra semente não deite raiz nem tampouco dê frutos. Dizem ainda os evangelhos que há os que ouvindo, ouvirão, mas não compreenderão, e que vendo, verão, mas não entenderão. Mas, há também os bem-aventurados, porque seus olhos veem e seus ouvidos ouvem¹⁶. Portanto, em que pese a potência sagrada da palavra de Deus, seus bons resultados dependeriam do acolhimento e da fertilidade da terra boa ou da con-

São Paulo: EPU, 1978, p. 3).

16. Lc 8,4-15; Mc 4,1-20; Mt 13,1-23.

dição inóspita de outros ambientes, da receptividade e da ternura ou do fechamento e da frieza do coração dos que a ouvem e a veem.

Em seu mais célebre sermão, o Padre Antônio Vieira faz uma longa, complexa e belíssima glosa dessa parábola e sustenta que a responsabilidade pela escassez da frutificação da fértil e poderosa palavra de Deus não poderia, evidentemente, lhe ser atribuída nem poderia ser depositada em seus ouvintes. De fato, ela era de seus pregadores: “Sabeis a causa por que se faz, hoje, tão pouco fruto com tantas pregações? É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus”. Numa inflexão dos próprios evangelhos, Vieira postula que “a palavra de Deus é tão poderosa e tão eficaz, que não só na boa terra faz fruto, mas nasce até nas pedras e nos espinhos”¹⁷. Guardadas as devidas diferenças e proporções, a vida e a obra nômades de Courtine lançaram muitas sementes pelo caminho e já deram provas de seu poder e de sua fecundidade. Também por isso, suas publicações dispensam apresentação.

Este seu **Corpo e discurso** vem confirmar essas provas e suas palavras hão de ser eficazes e de dar muitos frutos nessa “lavoura viva” composta por todas e por todos nós, bem-aventuradas leitoras e bem-aventurados leitores destas páginas a seguir. De Certeau recusava a assimilação da leitura às recepções passivas e a concebia como uma ativa operação de caça. Leitoras e leitores são peregrinos que “circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram”. A leitura seria, portanto, um exercício de ubiquidade: “ler é estar alhures, onde não se está, é estar em outro mundo”¹⁸. É certo que nem todo texto nem qualquer leitura proporcionam essas experiências de

17. VIEIRA, A. *Essencial Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 133-169.

18. DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano – Vol. 1: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 269.

semeadura e colheita, de caça e desdobramento no tempo e no espaço. Não temos dúvida alguma de que aqui ocorrerão essas experiências, nas quais o *corpo* e o *discurso* também se entrelaçam: as vozes das leitoras e dos leitores deram, dão e darão corpo às autoras e aos autores e ainda sentido a seus textos. Mas, também as vozes de autoras e autores dos textos que têm efetivamente algo a nos dizer tocam o corpo falante de cada uma e de cada um de nós. Enquanto os lemos, conjuntamente, pensamos, passamos e deixamos nossas marcas pelo caminho.

Carlos Piovezani

Universidade Federal de São Carlos, junho de 2022.